



AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS MECANISMOS DE DISCRIMINAÇÃO

Caroline Felipe Jango da Silva*

RESUMO

Neste artigo propomos uma reflexão a partir de uma pesquisa sobre as representações sociais acerca das crianças negras na educação infantil e os mecanismos de discriminação racial existentes nesta instituição. Com a discussão dos resultados deste estudo, que analisou como os educadores abordam a questão da diversidade étnico-racial em sua prática pedagógica e como resolvem os possíveis conflitos advindos dessa diversidade, buscamos provocar no leitor uma reflexão crítica acerca das relações raciais e suas implicações na escola, objetivando destituir das práticas sociais e pedagógicas os elementos trazidos pelo mito da democracia racial e ideal de branqueamento.

Palavras-chave: Educação. Psicologia social. Racismo. Crianças negras. Representação social.

1 INTRODUÇÃO

Em 2008 desenvolvi uma pesquisa¹ em uma creche municipal localizada no interior do estado de São Paulo, especificamente na cidade de Paulínia, creche na qual trabalhei como Educadora Infantil por cinco anos.

Este estudo visava compreender o modo pelo qual as crianças negras eram representadas na educação infantil. Em função de inquietações diversas advindas de outras leituras e da própria experiência cotidiana, me lancei a este trabalho com o intuito de desvelar os mecanismos de discriminação que operavam no ambiente educativo destinado a criança

* Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Pedagoga do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. E-mail: caroljango@uol.com.br.

¹ Os dados completos da pesquisa, ou seja, as figuras, as falas e os livros infantis destacados neste artigo podem ser encontrados na Tese de Conclusão de Curso disponível no acervo digital da Universidade Estadual de Campinas. Link de acesso: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=000437156>

pequena. Pesquisadoras como Soligo (1996), Cavaleiro (2003), Sousa (2005), entre outras, já vinham denunciando o modo precoce com que a criança negra se deparava com as posturas discriminatórias e representações sociais negativas do seu grupo de pertencimento no âmbito escolar.

Sabemos que em 2003 a LDB foi alterada pela lei 10.639 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, porém ainda há muitas barreiras para a implementação efetiva desta legislação e as atitudes discursivas e práticas educativas ainda estão pautadas em um ideal eurocêntrico de cultura, beleza e estética. São estes elementos que o presente trabalho pretende evidenciar, a fim de indicar uma reflexão que deve ser feita imediatamente no âmbito educativo de forma a viabilizar uma educação que valorize a diversidade de fato e contemple de forma justa todos os sujeitos envolvidos no processo. As análises que seguem buscaram, portanto, desvelar os mecanismos de discriminação racial que operam no âmbito da educação infantil ao analisar os recursos pedagógicos e seus usos, ao revelar a ausência do trabalho pedagógico com vistas à diversidade racial, ao dar evidência a construção e compartilhamento de representações sociais negativas acerca do segmento negro e ao pensar sobre a construção da identidade negra das crianças mediante as práticas racistas estabelecidas no cotidiano educacional. Desta forma, pretende-se subsidiar as reflexões dos profissionais da educação no sentido de indicar a urgente necessidade da construção de uma prática educativa antirracista e comprometida com a diversidade étnico-racial.

2 OS LIVROS MAIS UTILIZADOS PELAS EDUCADORAS

Constatou-se que a leitura para a criança é uma prática cotidiana muito valorizada na creche em que a pesquisa foi realizada. Neste espaço, a escolha e o manuseio dos livros, muitas vezes, são feitos pelas próprias crianças. As crianças não são, portanto, meras ouvintes das histórias, são, também, leitoras da imagem, leitoras dos gestos de quem as contam e (re)produtoras, cada qual ao seu modo, da história que lhes foi contada.

Assim, durante a pesquisa de campo, fiz um levantamento de todos os livros que a creche possuía. O total de livros na biblioteca era de 450, dos quais aproximadamente 30% traziam representações de pessoas. Porém, destes que traziam pessoas como personagens, apenas 10% representavam pessoas negras.

Antes do início da entrevista com as educadoras, foi solicitado que as mesmas escolhessem os cinco livros que mais utilizavam com as crianças e, sobre estes, foram feitas

as seguintes perguntas: Porque você escolheu estes livros? Qual é a importância que você percebe em trabalhar estes livros que você escolheu?

Nenhuma das educadoras citou em sua resposta o fato de escolherem os livros pensando na diversidade étnico-racial que estes possam ou não apresentar. Mostrando claramente que diversidade de representações de pessoas não é critério para a escolha dos livros que estas utilizam. Esta constatação torna-se ainda mais clara quando da análise dos livros escolhidos pelas educadoras. Pois, do total de livros escolhidos por elas, que apresentavam representação de pessoas, somente 13,7% tinham ilustrações de pessoas negras.

Dentre os livros que traziam representações do negro, está o livro do **Saci Sapeca**. Não entrando no mérito da tradição folclórica, é preciso ter em mente que a figura do Saci que o livro apresenta é a seguinte: Menino Negro de uma perna só, que fuma cachimbo, e deixa a Dona Esmeralda de ‘cabelo em pé’ com suas travessuras. Além disso, nesta história, existem outras crianças, que são bondosas e brancas, é claro!

Algumas educadoras argumentaram a escolha do Saci como um recurso para trabalhar folclore, no entanto, vejam a descrição de uma fala ao argumentar o porquê de sua escolha:

Do Saciperê, é a diferença, né? Ele é escurinho tem uma perna só, ele é diferente né? E fala assim da maldade, mas na verdade não é maldade é “sapequisse” dele, entendeu? Ele faz tudo isso por que na verdade ele quer atenção, ele é sozinho. E a diferença, que mostra a diferença né? Eles ficam curiosos, porque tem uma perna só, por que tem outra cor, então fala mesmo da brincadeira, da atenção que ele quer e da diferença (SILVA, 2008, p. 58).

Fica claro que a educadora percebe o livro do saci não apenas como um conto folclórico, mas como um recurso para se trabalhar a diferença. No entanto, o livro ilustra uma figura estereotipada do negro que evidencia a diferença como inferioridade. Trata-se, portanto, de uma representação negativa acerca da criança negra, ou seja, ‘o escurinho’, ‘o diferente’ o ‘malvado’. Lembrando que as representações de crianças negras trazidas pelos livros serão compartilhadas por adultos e crianças durante a leitura e manuseio dos mesmos.

Outro livro que foi escolhido por uma das educadoras, que traz a representação da criança negra, contém sete figuras de crianças brancas e apenas uma de criança negra. Ou seja, estas constatações sublinham, no mínimo, a desconsideração quanto à diversidade étnico-racial. Sem tocar no desrespeito as crianças e suas famílias que ou não são representadas, ou são sub-representadas no universo branco ao qual a escola é concebida. “De modo geral, a escola nega essa população, não discute a realidade social das pessoas negras e, ao transmitir a cultura eurocêntrica como uma cultura hierarquicamente superior, amplia a exclusão social da população negra.” (SILVA, 2007, p. 153).

Podemos destacar que apenas dois livros traziam representações positivas da criança negra e de sua família, valorizando sua cultura e estética. Os livros aos quais me refiro são: **Menina bonita do laço de fita** e **Pais e Mães**. As educadoras que citaram tais livros alegaram ter trazido os mesmos de sua casa. Os outros 25 livros indicados pelas educadoras trouxeram evidente padrão estético branco, ou seja, o mais valorizado na sociedade e reproduzido no ambiente escolar como dominante: crianças brancas, loiras, de olhos azuis.

3 QUANTO AO TRABALHO COM A DIVERSIDADE RACIAL

Quando questionadas sobre o trabalho acerca da diversidade racial apenas 30% alegaram abordar a temática.

Então, eu não sei se eles já conseguem fazer essa associação da cor da boneca com a cor deles. Mas eu comento com eles, pois vivenciei a questão do Pedro (filho da educadora) por uma pessoa próxima a ele ser racista e passar isto pra ele; como eu conversei com o meu filho em casa que cada um tem uma cor de cabelo, uma cor de olho e uma cor de pele que isto não faz uma pessoa ser melhor ou não que a outra. Então, aqui na creche eu tento estar transmitindo isto para eles (SILVA, 2008, p. 61).

Assumir que o preconceito racial existe, e que este pode ser assimilado e aprendido pela criança, já é um grande passo para uma prática pedagógica antirracista. No entanto, deve-se destacar que a interferência pedagógica em função de promover valores de não discriminação deve ser planejada e praticada cotidianamente de diferentes formas, assim como são as diferentes formas que o preconceito racial opera sobre as instituições de ensino.

Uma das poucas professoras que evidenciou a abordagem da temática destacou utilizar um recurso denominado “Chamadinha”. Trata-se de um recurso pedagógico utilizado por todas as educadoras da creche. A educadora que fez referência a este material utilizou da criatividade para trabalhar a diversidade racial neste recurso.

Fotografia 1 – Chamadinha



Fonte: Caroline Jango, Acervo Particular, 2007.

A educadora, também, alegou ter utilizado o livro **Menina bonita do laço de fita** para trabalhar a diversidade. Segundo ela:

Trabalhei, agora, neste semestre, “Menina Bonita do Laço de Fita”. Que até teve um caso que a mãe de uma das crianças comentou que a filha perguntou por que a pessoa era marrom. Então, Justamente, eu trouxe este livrinho para que ela pudesse entender que existe esta diversidade em qualquer lugar não só aqui na creche (SILVA, 2008, p. 63).

No entanto, analisando as duas partes do discurso desta educadora ficaram evidentes duas concepções acerca do trabalho com a diversidade racial: A primeira que entende este trabalho como prática cotidiana formadora da identidade do sujeito e a segunda que coloca o trabalho com diversidade racial determinado pela demanda de conflitos raciais. Ou seja, frente ao conflito racial delineado, a educadora estabelece formas de resolvê-lo ou amenizá-lo.

Não basta dizer que “o negro é uma pessoa como todas as outras, ela só tem uma cor de pele diferente”, como destaca outra educadora. Na verdade, o problema não está no fato de ser igual e sim no fato de ser valorizado enquanto diferente. Aliás, mesmo dito como igual, já ficou claro que o negro, ao menos na análise dos livros, é sub-representado em relação ao branco. Na própria fala da educadora fica evidente que quem tem a pele diferente é o negro, isto, porque o parâmetro/modelo de comparação é o branco.

Nós educadores temos que ter claro que, assim como aponta este estudo, não há igualdade de acesso, nem de oportunidades e nem de representações positivas entre brancos e negros, nem entre classes sociais, no sistema educacional brasileiro. E é a partir deste preceito que temos o dever de, através da nossa prática pedagógica, educar para a valorização da diversidade, seja ela, étnico-racial, política, socioeconômica, religiosa ou cultural.

Se o educador diz que o diferente é o negro, por que assim ele aprendeu, quando as características físicas do negro forem trabalhadas corre-se o risco de estes serem tratados como inferior. Ademais, o que se deve trabalhar enquanto diversidade racial não são apenas as características, ou seja, é necessário valorizar para além da estética negra, sua cultura, valores, tradições etc.

Na verdade, muitos são os argumentos que justificam o fato de não se abordar a diversidade racial no trabalho pedagógico. Neste discurso, por exemplo, evidencia-se esse pensamento: “Olha, Não... Eu vejo assim: como a faixa etária das crianças que agente trabalha... É o adulto que tem isso, a criança não tem... A criança não tem... Tem que ser o mais natural possível... Sabe... Para eles não existe isso, eu não vejo isso no olhar da criança.” (SILVA, 2008, p. 65).

Será que preconceito é coisa só de adulto? Em que momento da vida os ‘adultos’ se tornaram preconceituosos? Ao refletir a cerca deste questionamento percebi ser pertinente citar Moscovici (2003, p. 108), segundo ele, “Nossas representações de nossos corpos, de nossas relações com outras pessoas, da justiça, do mundo, etc. se desenvolvem da infância a Maturidade.”

Oliveira (2004, p. 30), que pesquisou as relações raciais na creche, afirmou:

As crianças negras em seu processo de desenvolvimento têm diversas possibilidades para internalizar uma concepção negativa de seu pertencimento racial, favorecendo a constituição de uma auto-imagem depreciativa. [...] Podemos concluir que, aos 4 anos de idade, as crianças já passaram por processos de subjetivação que as levam a concepções muito arraigadas no nosso imaginário social sobre o branco e o negro e conseqüentemente, sobre as positividade e negatividade atribuídas a um e outro grupo racial. No entanto, isso pode ter sido favorecido pela instituição a partir das concepções e dos valores das profissionais envolvidas com essas crianças e, também, pelos pais.

Nas palavras de Moscovici (2003) fica claro como os ‘adultos’ influenciam a personalidade e a socialização da criança:

As representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo desde a primeira infância, desde o dia em que a mãe, com todas as suas imagens e conceitos, começa a ficar preocupada com seu bebê. Estas imagens e conceitos são derivadas dos seus próprios dias de escola, de programas de rádio, de conversas com outras mães e com o pai de experiências pessoais e elas determinam seu relacionamento com a criança, o significado que ela dará para seus choros, seu comportamento e como ela organizará a atmosfera na qual ela crescerá. A compreensão que os pais tem da criança modela sua personalidade e pavimenta o caminho para sua socialização. (MOSCOVICI, 2003, p. 108).

É fato que existem outros mecanismos de discriminação racial do negro, no entanto, as conclusões de Oliveira (2004) e a teoria de Moscovici (2003) nos chamam à atenção para as concepções e valores que os profissionais envolvidos com essas crianças e, os pais delas, podem inculcar nas mesmas.

Analisando o seguinte discurso:

Agora você está me falando do negro... Me chamou a atenção que um ano eu tinha uma mãe que ela tinha uma mancha vermelha no rosto e aí quando aquela mãe... Toda vez que aquela mãe vinha buscar eles perguntavam o que era. Aquela mancha chamava a atenção. E eu tinha criança negra e eles nunca comentaram assim, não que eu me lembro. Isso parte mesmo do adulto e não das crianças desta faixa etária (SILVA, 2008, p. 66).

A educadora nesta fala compara o fato de ser negro, com o fato de ter uma mancha no rosto, ou seja, novamente o negro é o diferente, é o estranho e, portanto poderia causar

curiosidade, mas isso não ocorreu, então se a criança não se mostrou curiosa por ter amigos negros o trabalho com a diversidade não é necessário.

Vejam a fala desta outra educadora:

Uma vez na casinha, eu fui dá a bonequinha de cor, né, moreninha lá, pra uma criança e ela não quis. Eu falei: É essa? E ela disse que não. Aí eu insisti em dar a diferente, a bonequinha negra que tem lá. E ele não quis. Aí eu falei: Mas por quê? Brinca com essa bonequinha ela é negra, é cor diferente, mas ela é igual à gente. Tem a diferença, mas somos todos iguais. No fim ele não quis né, aí eu guardei. Mas assim, nunca trabalhei muito este tema, porque não surgiu muito. Todo o livro que eles abrem e vê eles não estão muito preocupados ainda, não se expressam porque tem essa cor... Eles não se expressaram muito nesse sentido ainda (SILVA, 2008, p. 66).

Na fala destacada acima, assim como na anterior, se percebe as representações sociais negativas a cerca do negro, ou seja, o negro é ‘o de cor’, ‘o diferente’. Como será que a educadora gostaria que a criança se interessasse por uma boneca dizendo: “– Brinca com essa bonequinha ela é negra, é cor diferente, mas ela é igual à gente”? “Igual”, porém ela é a única boneca negra dentre outras 10 bonecas existentes na casinha da boneca.

Fotografia 2 – Casa da Boneca



Fonte: Caroline Jango, Acervo Particular, 2007.

Como uma educadora pode afirmar não ter problemas quanto à diversidade racial quando não consegue inserir em suas brincadeiras uma boneca porque ela é negra?

Um discurso do tipo “Tem a diferença, mas somos todos iguais” não causará nenhum efeito com crianças que não possuem três anos completos. As crianças podem não aprender por meio de discursos que visam falar da igualdade, no entanto, perceberão diferenças grosseiras, como esta demonstrada na foto da casinha, bem como estarão atentas às atitudes dos adultos e de outras crianças ao seu redor e assim ela se constituirá enquanto sujeito e construirá suas representações. Segundo Prado (1999, p. 114) “... por intermédio da mediação com o outro, que ensina, aprende e faz junto, as crianças constroem seu mundo de cultura, um

sistema de comunicação e uma rede de significados e, portanto, expressões culturais específicas.” Porém, as educadoras afirmam que “eles (crianças) não estão preocupados ainda, não se expressam porque tem essa cor... Eles não se expressaram muito nesse sentido ainda.” (SILVA, 2008, p. 68).

Parece redundante dizer que as crianças desta faixa etária não reivindicam seus direitos. Elas não dirão que não estão sendo representadas, mas elas demonstraram que isso ocorre, se negando, por exemplo, a brincar com uma boneca negra, que é a única diferente. Pois como destaca Prado (1999), A criança pode ainda não falar, se expressar com palavras, mas ela se comunica.

Outros argumentos utilizados para justificar a ausência da prática pedagógica que contemple a diversidade racial foram à ausência de crianças negras na turma e a falta de conflitos raciais. Vejam: “eu não entro neste tema porque não tem problemas, não tem crianças negras, né?!” (SILVA, 2008, p. 69) e “Eu não especifico muito esta questão não, não ressalto porque não foi uma coisa muito trazida pelas crianças como uma questão, como um conflito. Eu não faço um trabalho específico disto mesmo porque acho que é uma coisa que flui natural, não tem o que ressaltar.” (SILVA, 2008, p. 70).

Fica evidente a postura de trabalhar a diversidade racial somente no caso de conflitos raciais. Porém, “[...] se a construção da identidade implica relações, não se pode ou não se deve abrir mão do aprendizado e reconhecimento das diferenças, mesmo em salas constituídas apenas por crianças brancas, admitindo-se a existência de problemas raciais no país.” (VALENTE, 2005, p. 66).

Trabalhar a diversidade é trabalhar o respeito pelo outro, pela diferença e não pelo dito superior. Educadores são mediadores da socialização da criança no mundo, não só na turma. As crianças não se relacionam apenas com as crianças da turma, elas convivem com outras crianças, com outras educadoras, com funcionários, com seus pais e demais familiares. “A criança é um ser humano competente capaz de múltiplas relações, portador de história, produzido e produtor de cultura, é deste modo, sujeito de direitos.” (FARIA, 2005).

O negro é submetido desde a tenra infância, no ambiente da creche ou familiar, à cultura branca europeia, através dos livros, da mídia, dos recursos pedagógicos e das práticas sociais e pedagógicas. Esta submissão começa muito cedo e se arrasta durante a trajetória escolar do negro. “Nos textos sobre formação étnica do Brasil são destacados o índio e o negro; o branco não é mencionado, já é pressuposto.” (VASCONCELOS, 1997, p. 49, grifo meu).

Envolver a questão racial na prática pedagógica com a criança, não é como trabalhar a semana da criança, o dia dos pais, o folclore, como acontece muito nas instituições de ensino. Trata-se de assumir uma postura política pedagógica que visa contemplar na prática cotidiana elementos que abarque a diversidade racial no sentido de desconstruir o modelo branco europeu que se coloca como superior aos demais.

É necessário ter em mente que “Os mecanismos de exclusão e subalternização de grandes contingentes populacionais não brancos vêm se perpetuando de modo inequívoco no Brasil. O Brasil é um país multirracial e pluriétnico. Mas quem comanda todo o processo político, econômico e cultural é o branco” (SILVA, 1997, p. 23).

É pensando assim, que muitos pesquisadores da temática racial vêm propondo uma pedagogia multirracial, na qual, a escola deve deixar de ser o espaço de negação dos saberes para enfatizar a afirmação da diferença, tudo isso, num processo em que os indivíduos e grupos sejam aceitos e valorizados pelas suas singularidades, ao invés de buscar a igualdade pela tentativa de anulação e inferiorização das diferenças (SILVA, 1997).

Uma das educadoras, afirmou que tinha apenas uma criança negra na turma e que, também, não aborda a questão racial, no entanto esta expôs um problema que nenhuma outra educadora colocou: “Não trabalho. E não saberia como trabalhar” (SILVA, 2008, p. 71).

Quando defende a pedagogia multirracial, Silva (1997) destaca que objetivando criar uma nova escola, capaz de propor medidas educativas de combate ao etnocentrismo, ao preconceito racial e ao racismo torna-se necessário garantir em seu espaço: 1º Uma discussão franca e aberta em torno da questão racial; 2º Uma relação pedagógica capaz de gerar a emergência do sentimento de auto-estima nas crianças negras e a produção e sistematização do saber até então rejeitado.

Ao tentarmos recuperar para o educador a possibilidade de repensar com autonomia os fundamentos e os objetivos da educação nos moldes da Pedagogia Multirracial, acreditamos estar abrindo o caminho para a construção de uma prática pedagógica pautada no compromisso com a formação de uma cidadania mais verdadeira, porque não excludente, em relação aos diferentes grupos étnicos que compõem a sociedade brasileira. (SILVA, 1997, p. 30).

4 QUANTO À PRESENÇA DO SUJEITO NEGRO NOS RECURSOS PEDAGÓGICOS

“[...] considerando-se a faixa etária de atendimento da educação infantil, bem como a idade e grau de escolaridade dos pais, é possível admitir que a escola, quer por omissão, quer pelo “reforço”, deva ser também responsabilizados pela transmissão de preconceitos” (VALENTE, 2005, p. 70).

Com base nesta ideia buscamos, através da pesquisa de campo, os recursos pedagógicos da creche, além dos livros, que poderiam evidenciar a presença do sujeito negro e constituir assim formas de se trabalhar a diversidade étnico-racial, ou seja, recursos com os quais o professor pudesse valorizar as diferenças raciais e desconstruir o modelo branco dominante até então evidenciado nos livros e nos discursos das educadoras. Neste sentido, a terceira pergunta feita para as educadoras foi: Você percebe a presença do sujeito negro nos recursos pedagógicos da creche e no contexto da creche no geral?

Fazendo uma análise bem rápida, a casinha da boneca de todas as bonecas tem uma só negra. Os livros de conto de fadas, por exemplo, que é sempre bem visto nesta idade... A chapeuzinho vermelho não é negra, a branca de neve não é negra, então a presença desse grupo racial não está inserido não. (SILVA, 2008, p. 72).

Esta resposta aponta uma análise crítica que indica a não inserção deste grupo racial no contexto da creche. No entanto, mesmo demonstrando esta consciência do descaso com o sujeito negro nos recursos pedagógicos, esta educadora não evidenciou nenhum tipo de ação pedagógica que fosse de encontro com essa realidade excludente. Assim, percebemos outras falas no sentido de confirmar esta análise:

Eu percebo pouco isto, a figura do negro ainda está ligada com alguns valores como a tia Anastácia, a questão dos empregados, o Negrinho do pastoreio, essa questão de um modo geral eu percebo muito em outras redes, não só aqui, mas na literatura infantil, mas eu já vejo que isto está mudando um pouco (SILVA, 2008, p. 73).

Segundo Soligo (2001) o ideal de branqueamento produz, desde a infância, nas populações negras o processo de fragmentação da identidade negra, na medida em que opera uma dicotomia entre assumir a própria identidade e valores (negros) e ver-se distanciado do modo ideal à custa da dissolução da identidade.

Ao dizer: “Eu acho que a gente conseguiu trazer mais esta figura do negro na boneca, a gente tem quatro... Três bonecas! Mas ainda é bem menor do que as brancas, né?!” (SILVA, 2008, p. 74), a educadora destaca o que a creche (“a gente”), enquanto instituição de ensino vem fazendo para “trazer a figura do negro”, mas a própria educadora reconhece que é pouco perto da dominância branca de modelos.

Outra tentativa de ação pedagógica, em função da diversidade racial, pode ser identificada na fala desta educadora:

Bom! Acho que recurso mesmo não tem, a gente tem mais é a casinha da boneca... E as bonecas dos fantoches que veio do projeto sexual. E livros eu acho que é pouco dá pra você trabalhar a diferença, mas não específico em alguns livros do ser

diferente, não em relação mesmo a cor de pele, em ser negro e ser branco. Importante é porque eles vão conviver no meio de uma sociedade, tem que começar já trabalhando a personalidade deles e saber destas diferenças para respeitar mesmo (SILVA, 2008, p. 74).

Neste discurso percebe-se que a educadora está atenta ao material da creche que torna possível o trabalho com as diferenças, ou seja, ela citou as bonecas do projeto sexual, além da boneca da casinha, citou os livros, que são poucos, mas que da para trabalhar as diferenças, mesmo que não especificamente a racial. Além disso, deixou bem clara a importância dos recursos e destacou a ideia da socialização da criança: “eles vão conviver no meio de uma sociedade”, assim ela não limita a educação para a diversidade somente à turma, e sim amplia no sentido de respeito às diferenças.

Outros discursão, também, evidenciam a carência de recursos que representem o segmento negro na escola: “Não, nos recursos não. Eu percebo na casinha da boneca, que tem uma boneca negra, as demais são brancas, mas não tem nenhum oriental, asiático, nem nada do tipo. E os livros também não, eu acho que não encontro” (SILVA, 2008, p. 76) e “Não, eu acho que não tem, justamente, eu tive que trabalhar com um livrinho que eu trouxe meu porque não tinha aqui na creche” (SILVA, 2008, p. 76).

A existência da boneca da casinha, cuja foto já foi mostrada, foi apontada por 60% das educadoras. No entanto, durante a pesquisa fotografei um recurso existente na creche que é de inquestionável relevância para se trabalhar a diversidade racial que, infelizmente, só foi citado por 30% das educadoras. Isto não quer dizer que todas as outras não o utilizem, mas diz muito sobre a importância atribuída a esse recurso pelas mesmas. Vejam:

Fotografia 3 – Bonecos Projeto Sexualidade



Fonte: Caroline Jango, Arquivo Particular, 2007.

70% das educadoras se esqueceram de citar este recurso indicado acima, mas todas elas disseram haver pouco recurso. Vê-se nesta constatação não somente a ausência de recursos, mas sim a falta da prática pedagógica que objetive a valorização das diferenças. Pode-se afirmar que de nada adianta dispor de recursos pedagógicos e currículo apropriados se o professor for preconceituoso, racista, ou não souber lidar adequadamente com a questão (VALENTE, 2005).

Tem uma boneca, deve ter alguns livros, mas acho que não tem muito, pelo que eu notei não tem muito, têm o saci aqui... Livro folclórico e as bonecas. Eu não vi assim muito material para trabalhar. Fora as revistas que você vai folheando e às vezes encontra algumas pessoas negras. Abraçadas com branco, ou brincando, mas acho que ainda não tem muito não para explorar (SILVA, 2008, p. 79).

A questão do saci é evidenciada novamente pela educadora que, também, reforça o não conhecimento acerca de 10% dos livros que representam os negros na creche. Outro dado muito importante nesta fala é a questão de outros recursos como a revista, que só foi destacada por esta educadora. Durante a pesquisa foi possível observar, em conformidade com a fala desta educadora, que as revistas utilizadas na creche para recorte e para folhear traziam poucas figuras dos negros se comparados à dominância branca de representação. No entanto, em relação aos gibis foi possível encontrar uma coleção do Sesinho. Trata-se de uma coleção de revistas educativas publicada pelo Serviço Social da Indústria (SESI). Nestes gibis existe grande representação da população negra, trata-se de representações positivas da estética e cultura negra, porém, infelizmente não foi um recurso citado.

Para além da questão dos recursos pedagógicos, existem dois pontos bem evidentes e importantes na maioria das falas destacadas até então, ou seja, a ideia de ‘naturalidade’ e o reforço de que ‘todos nós somos iguais’.

Quanto esta ideia do natural é possível destacar que: “As pessoas já nascem impregnadas de cultura. Não há essência humana geral, ‘natural’, fora das condições sociais, históricas, específicas que a define” (SOW, 1970, p. 140, apud SILVA, 1988, p. 101).

A respeito da frase ‘somos todos iguais’, podemos dizer que tal discurso de igualdade trás más consequências, pois “à medida que os agentes pedagógicos não reconhecem o direito da diferença, acabam mutilando a particularidade cultural de um segmento importante da população brasileira” (VALENTE, 2005).

A título de exemplo destaque esta fala:

A importância nessa faixa etária eu acho que é... É pra gente né, pra trabalhar essa naturalidade. Eu acho que não existe essa diferença, essa cor. Isso é uma concepção minha: nós somos iguais. Mas é do adulto isso, as crianças tratam como iguais. Por

que é importante você trabalhar já desde criança o natural, para eles crescerem assim, porque a gente tem uma sociedade preconceituosa (SILVA, 2008, p. 80).

A educadora fala como se a criança estivesse resguardada dos preconceitos existentes na sociedade, como se os conflitos étnico-raciais não perpassassem pelas instituições de ensino. Ela insiste na ideia de que ‘preconceito é coisa de adulto’ e, assim, afirma trabalhar o ‘natural’. Deste modo, podemos questionar qual o parâmetro para ensinar o ‘natural’, ou até mesmo o que devemos entender por “natural”.

Uma vez assumido que vivemos em uma sociedade preconceituosa devemos, portanto, educar nossas crianças e reeducar os adultos a fim de se promover uma mudança social no sentido de reconhecimento e valorização das diferenças étnico-raciais. Devemos ter em vista, como aponta Prado (1999), que a creche pode situar-se como espaço que contempla sujeitos de origens sociais e culturais diferenciadas, evidenciando a diversidade sociocultural, produto e produtora de história, num espaço garantido e comprometido com a educação infantil, espaço de convívio com as diferenças, espaço de brincadeiras e de outras manifestações culturais, espaço de educação de crianças e também de adultos.

Deve-se salientar que a presença da professora é marcante para as crianças que estão na faixa etária correspondente à educação infantil. Investir em um trabalho de orientação de educadores que atendem esse nível de escolarização, sobretudo daqueles mais sensíveis e interessados em desmitificar idéias falsas sobre os negros, cristalizadas no imaginário da população, pode ser fundamental para enfrentar a questão racial. (VALENTE, 2005, p. 65).

5 QUANTO À NECESSIDADE DA CRIANÇA DE ENCONTRAR OBJETOS DE IDENTIFICAÇÃO PARECIDOS COM ELAS MESMAS

No campo pessoal, identidade é:

Aquilo que diferencia cada um e nós e só nos iguala a nós mesmos, mesmo que seja entendida num processo de transformação, é da ordem da representação e está localizada na consciência... Ela diz respeito à imagem como a pessoa se vê no plano subjetivo, como percebe o que *lhe é próprio enquanto individualidade diferenciada*. (SELAIBE; PENNA, apud GOMES, 1995, p. 42).

Tendo em vista este conceito de identidade visamos entender como as educadoras percebem a construção da identidade das crianças, ou seja, o modo como estas constroem suas próprias representações de si e do grupo ao qual pertencem. Para tanto, perguntamos as educadoras se elas percebem nas crianças a necessidade de encontrar objetos de identificação parecidos com elas mesmas.

60% das educadoras afirmaram que as crianças buscam objetos de identificação parecidos com elas. Por exemplo: “É o que eu falei do menino, ele procura. Em específico da minha turma ele procura (SILVA, 2008, p. 82) e “Ah! Sim, principalmente nas atividades da casinha de boneca, alguns pedem a boneca negra. Nas atividades de artes quando vamos procurar figuras masculinas que representem o pai ou feminina da mãe, buscam uma figura com a cor da mãe, identificação física, se a mãe é morena tentam encontrar uma figura morena.” (SILVA, 2008, p. 82).

Estas duas primeiras respostas partiram de educadoras que anteriormente afirmaram trabalhar a diversidade racial, sendo assim, para ambas que já apresentaram um esforço pedagógico no sentido de representar todas as crianças, a percepção da identificação destas com objetos parecidos com elas parece óbvia. Além disso, na última fala a educadora ainda cita os momentos em que essa identificação ocorre, tendo, portanto, ciência deste processo de construção da identidade da criança.

Se já sabemos que algumas educadoras apresentam discursos e práticas preconceituosas em relação ao segmento negro, que nos recursos pedagógicos da creche os negros são pobremente representados e que a maioria das educadoras não trabalha a diversidade racial. Podemos inferir, portanto, que já na creche as crianças negras começam o processo de construção de uma imagem negativa de si e valorização da imagem do outro (branco), culminando em uma identidade que nega os elementos de sua própria origem, cultura e estética, tal como foi constatado pela pesquisa de Cavalleiro (2003).

Tais constatações podem ser reforçadas por outras repostas dadas pelas educadoras.

Eles se identificam... É que nesta creche aqui não tem, mas na que eu trabalhei tinha um vídeo que era só de crianças então era um fundo musical e o vídeo mostrava a criança sorridente, a criança correndo a criança brincando. E tinha todas as crianças... Criança japonesa, criança negra, branca. Aí eles mesmos se identificam... Os da turma de acordo com o do vídeo. Uma de cabelo enroladinho, uma de japonesa (SILVA, 2008, p. 82).

Ah! Eu acho que se tivessem mais recursos esta identificação seria bem mais tranquila, porque eu não observo isto. Igual à bonequinha negra eu nunca tive criança que pedisse exatamente aquela, entendeu? Ou, por exemplo, está vendo a figura de um bebe negro no quadro de figuras e fala este sou eu nunca vivenciei isto mais em contrapartida tem uma fita do Bebê mais tem uma menininha loura de cabelos voando na nuvem e todo o mundo e toda a turma a identifica como a R. Talvez porque a figura do branco seja muito presente, entendeu? (SILVA, 2008, p. 83).

Eu acho que sim, só que na verdade falta porque a gente tem pouco material para trabalhar com isto, mas eu vejo, por exemplo, com a questão da Barbie, principalmente com o brinquedo da Barbie uma criança me perguntou por que não tinha uma Barbie de cabelo preto como o dela, entendeu? Então eu vejo que se ela perguntou é porque ela sente necessidade de ser representada (SILVA, 2008, p. 83).

As três repostas dadas pelas educadoras apontam o reconhecimento da necessidade da criança de encontrar objetos de identificação, no entanto, todas elas justificam a dificuldade de identificação das crianças devido à falta de recursos que represente o sujeito negro.

Já constatamos no trabalho a dominância da figura branca nos recursos da creche e isto ajuda-nos, assim como as educadoras, a entender a não identificação da criança com determinados objetos. Aliás, esta ausência da figura negra nos recursos pedagógicos imporá à criança negra a identificação com a cultura e estética branca como já vem ocorrendo a muito no Brasil nas instituições de ensino. Souza (2005) aponta, em seu estudo, que muitas vezes as crianças revelam o desejo de ser brancas, de ter cabelo liso, em comparação a personagens de histórias infantis, reforçando a imagem que ela faz de si e negando sua condição racial.

Em outra fala a educadora destaca que ao assistir um vídeo com personagens indígenas as crianças gritam: ‘Índio! Índio!’. Segundo ela, eles veem que é uma coisa ‘diferente’ é uma ‘curiosidade’ e, por isso, destaca que é importante que se tenha recurso para trabalhar mais sobre a diversidade (SILVA, 2008).

Deste modo, novamente evidencia-se a questão da comparação do negro com o diferente, ou seja, tanto o negro, como o índio, são os “diferentes”, os “curiosos”. A educadora afirma que é importante que se tenha recursos para trabalhar mais sobre isso (diversidade racial), no entanto, que tipo de trabalho será feito com base nesta postura marcada pela comparação e valorização de uma cultura em detrimento de outra?

São as relações de poder que fazem com que “diferença” adquira um sinal, que o “diferente” seja avaliado negativamente relativamente ao “não-diferente”. Inversamente, se há sinal, se um dos termos da diferença é avaliado positivamente (o “não-diferente”) e o outro, negativamente (o “diferente”), é porque há poder (SILVA, 2005, p. 87).

Deste modo, faz-se necessário uma postura pedagógica crítica, na qual a diferença, mais do que tolerada ou respeitada, deve ser colocada permanentemente em questão. A definição da identidade do sujeito negro abarca diversos conflitos já esboçados pelo trabalho, ou seja, a política de branqueamento a muito praticada no Brasil, juntamente com outros mecanismos de desvalorização da cultura negra, dificulta a construção de uma identidade negra que aceite a estética, valores e culturas afrodescendentes, uma vez que estas são estereotipadas e carregadas de significados negativos.

A escola pode desconstruir alicerces fundamentais da formação da auto-estima e da identidade negras, quando invisibiliza, minimiza ou recorta o processo histórico e cultural da criança negra através das ideologias do branqueamento e da mestiçagem,

atribuindo estereótipo inferiorizantes às suas diferenças adescritivas. (CERQUEIRA, 2005, p. 107).

No relato de uma das educadoras fica claro o desconhecimento da mesma em relação ao processo histórico aos quais os negros foram submetidos desde a escravidão até os dias atuais, ou seja, a educadora não entende os mecanismos de discriminação aos quais os negros são submetidos desde criança e que os fazem negar sua ancestralidade africana.

Uma educadora conta que uma criança negra, que gostava de brincar com o carrinho de boneca, sempre escolhia uma boneca negra. Porém, um dia, a mãe da criança chegou à escola e ao ver a brincadeira se espantou de ver a boneca negra. A professora relata que ao ver a reação da mãe ela ‘fez como se nada tivesse acontecido’. A docente ficou impressionada e ao relatar a história destaca que a criança que escolheu a boneca, mas achava que mãe pensou que ela tinha escolhido.

É possível inferir que a educadora não compreende a atitude da mãe em ‘estranhar’ o fato de sua criança estar brincando com uma boneca negra, ou seja, esta educadora não tem consciência da existência de um ideal de branqueamento que provoca a negação da identidade negra pelo sujeito negro. Deste modo, evidencia-se que a educadora não tem formação para entender os motivos que levaram esta mãe a negar sua origem e a do filho, demonstra-se, também, que a educadora não está preparada para atuar frente aos conflitos raciais. Isto aponta que os educadores, nem mesmo nos seus cursos de formação, foram instigados a questionar os mecanismos discriminatórios aos quais os negros foram submetidos no seu processo de inserção social desde o pós-abolição.

Frente a estas constatações entende-se o porquê de os educadores não perceberem a relevância de se trabalhar a diversidade racial, ou seja, estes não possuem respaldo teórico-crítico, acerca das relações raciais, para ajudar as crianças no processo de construção de uma identidade que corresponde ao seu grupo étnico-racial.

Um professor que não refletiu minimamente sobre a dialética das relações raciais não pode promover o fortalecimento da autoestima e da identidade das crianças negras, por meio de uma prática pedagógica sistematizada que favorece a construção de uma memória positiva em relação aos afrodescendentes.

Uma última frase a ser destacada mostra o desconhecimento da educadora acerca tanto da construção da identidade como das relações raciais, evidenciando mais uma vez a falta de preparo das educadoras para lidarem com a temática do racismo e da diversidade racial. Vejam: “O que eu acho disto? Eu acho importante ela se identificar... Eu acho importante ter, eu acho bom ter, não por nada, mais sei lá.” (SILVA, 2008, p. 87).

Sendo assim, devemos prever que o círculo vicioso instaurado por uma educação preconceituosa recorrente deve vir a ser quebrado, já que o educador pode e deve ser reeducado. (VALENTE, 2005).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No exercício de desvelar as relações raciais na educação infantil constatamos que o preconceito racial perpassa por esta instituição do mesmo modo que assola veladamente o segmento negro na sociedade brasileira de um modo geral. Os mecanismos de discriminação operam sobre as crianças negras por meio da própria prática pedagógica das educadoras, além de seus discursos e atitudes.

A falta de recursos pedagógicos que visam representar o negro positivamente acarreta na não construção da identidade pautada na descendência da criança negra, ou seja, a mesma se desenvolve no ambiente educacional a partir do modelo branco europeu de valores, cultura e estética. Deste modo, aprendendo desde muito cedo a negar sua condição étnico-racial.

As representações construídas acerca do segmento negro, bem como da criança negra, identificadas no discurso das educadoras, reforçam o mito da democracia racial e o ideal de branqueamento, demonstrando que os profissionais da educação não compreendem a dinâmica do racismo na nossa sociedade e por isso reproduzem o mesmo no contexto escolar.

Foram identificadas representações negativas acerca das crianças negras que indicam a ideia do negro como ‘o diferente’, ‘o escurinho’, ‘o que causa curiosidade’, etc. Assim, a falta de representação ou a sub-representação dos negros nos recursos pedagógicos e a representação social negativa do negro por parte de algumas educadoras são compartilhadas cotidianamente entre as crianças e adultos, que estão inseridos no contexto da creche, impedindo que outras representações, positivas, acerca do segmento negro sejam construídas.

Para agravar, une-se a estas constatações, a falta de prática pedagógica que vise à valorização da diversidade racial, ou seja, a maioria dos educadores não combate o racismo através de sua prática pedagógica, uns por acharem que o racismo não existe, outros por não saberem como fazer.

Algumas medidas isoladas foram identificadas no sentido de valorizar as características dos afrodescendentes, mas não foi constatada nenhuma prática efetiva e ampla o suficiente que visasse construir outras identidades do mesmo modo que a identidade, a cultura e os costumes brancos o são.

Entendemos desta forma, que os educadores, que atendem a pequena infância, não estão sendo preparados para incorporarem em sua prática a diversidade racial, deste modo as crianças vivenciam um espaço de socialização que não respeita suas origens étnico-raciais e que não promove a valorização da diferença.

Faz-se necessário, portanto, que a temática do racismo seja abordada nos cursos de formação e que os currículos escolares sejam multirraciais e multiculturais, mas acima de tudo críticos. Ademais, a diferença deve ser mais que tolerada ou respeitada pela instituição de ensino, ou seja, ela deve ser colocada permanentemente em questão (SILVA, 2005).

SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT THE BLACK CHILD IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION AND MECHANISMS OF DISCRIMINATION

ABSTRACT

In this article we propose a reflection from a research on the social representations about the black children in early childhood education and the mechanisms of racial discrimination exist in this institution. With the discussion of the results of this study, which examined how educators address the issue of racial ethnic diversity in their teaching and how they resolve possible conflicts arising from this diversity, we seek to lead in a critical reflection reader about race relations and its implications in school, aiming to remove the social and pedagogical practices the elements brought by the myth of racial democracy and the ideal of whitening .

Keywords: Education. Social Psychology. Racism. Black children. Social representation.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2003.

CERQUEIRA, Valdimira S. A Construção da auto-estima da criança negra no cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, Iolanda et. al. (Orgs). **Negro e educação**: escola, identidades, cultura e políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, ANPEd, 2005.

FARIA, Ana Lúcia. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. **Educ. Soc.**, v. 26, n. 92. Campinas, 2005.

GOMES, Nilma L. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Maza edições, 1995.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 1995

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estud. av.**, v. 18, n. 50, p.57-60. jan. /abr. 2004,

PRADO, Patrícia. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pro-posições**, n. 28, p. 110-118, 1999.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SILVA, Caroline. **As Representações Sociais Acerca da Criança Negra na Educação Infantil: mecanismos de discriminação**. Campinas: [s.n], 2008.

SILVA, Claudilene. A questão étnico-racial na sala de aula: a percepção das professoras negras. In: OLIVEIRA, Iolanda et. al. (Orgs). **Negro e Educação 4: linguagens, resistências e políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa; AMPED, 2007. p. 153-170

SILVA, P. B. G. e. Cultura negra e experiências educativas. In: MELO, Regina; COELHO, Rita (Orgs.). **Educação e discriminação dos negros**. Belo Horizonte, IRHJP, 1988. p. 53-58.

SILVA, Tomaz. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Yvone. **Crianças Negras: deixei meu coração embaixo da carteira**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

VALENTE, Ana Lúcia. Ação afirmativa, relações raciais e educação básica. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, p. 62-76, 2005.

VASCONCELOS, Iara. História e Políticas de Educação Infantil. In: FAZOLO, Eliane et. al. **Educação Infantil em curso**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

Recebido em: 28 de agosto de 2015.

Aprovado em: 21 de outubro de 2015.